

# Brasil exige fim de políticas danosas

## Das sucursais, serviço local e agência

Ao falar amanhã na reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, vai exigir que o organismo "desencoraje" os países desenvolvidos de continuarem com políticas danosas às nações em desenvolvimento. O Brasil quer que o FMI promova uma fiscalização eficaz sobre os países desenvolvidos, principalmente os Estados

Unidos, para que suas políticas econômicas não perturbem a ordem financeira internacional ou prejudiquem ainda mais os países endividados.

A posição brasileira, inclusive, enquadra-se perfeitamente no temário da reunião do comitê interino, cujos principais assuntos se referem à necessidade de se encontrar, com urgência, solução para a crise financeira internacional e à criação de mecanismos que permitam a reativação

econômica dos países em desenvolvimento. Já nas deliberações de anteontem e ontem, os técnicos que participam dos debates destacaram que a rígida disciplina imposta pelo FMI aos países que a ele recorrem contrasta com a sua influência menos efetiva sobre a política das nações ricas, o que vem provocando sérios contrastes no processo de ajustamento.

No que se refere à possibilidade de novos aumentos na **prime rate**, que causou apreensão

entre os países endividados, o ministro brasileiro da Fazenda (que embarcou ontem para Washington), afirmou que ainda não há motivo para preocupações, pois entende que qualquer elevação nas taxas de juros cobradas pelos bancos internacionais terá efeito retardado no comportamento da dívida externa do Brasil. E isso, disse, torna desnecessários novos pedidos de empréstimos para a sua amortização.

Opinião diferente tem o pre-

sidente do Banco do Brasil, Osvaldo Colin, para quem uma eventual confirmação dessa tendência altista poderá levar o Brasil e outros devedores a anteciparem o processo de renegociação ampla de suas dívidas externas. Alguns banqueiros brasileiros, embora admitindo que a **prime** poderá sofrer novos aumentos nos próximos meses, não acreditam que possa chegar a 15,25%, como previu Henry Kaufman, diretor da Salomon Brothers Inc.